

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

2

Quinteto Armorial

Aralume, Quinteto Armorial:

Vol. III e Sete Flechas

Antonio Madureira Armorial

HISTÓRIAS E PARTITURAS

2

Quinteto Armorial
Aralume, Quinteto Armorial:
Vol. III e Sete Flechas

FRANCISCO ANDRADE

Texto e pesquisa

FRANCISCO ANDRADE

YONAN DANIEL

Transcrição musical



Letra da Cidade

Uma ideia de Brasil

INSTITUTO ÇARÊ

Uma música “bruta, aguda, que percute, que fere, que retine, que arranha, que acutila, que rasga. Uma música realista, que se atrevia a usar vareta de ferro, arame e caco de vidro”.

Braulio Tavares¹

Para compreender a música de Antonio Madureira é preciso adentrar o universo vasto, profundo e plural do Movimento Armorial – que, orientado e motivado por Ariano Suassuna a partir da década de 1970, delineou para sempre os passos da criação e da interpretação de artistas tanto da literatura como da dança, das artes visuais, da escultura, cerâmica, arquitetura, do cinema, do teatro e da música.

Antonio José Madureira, que amigos e familiares conhecem pelo apelido de Zoca, é considerado o compositor que expressou com mais clareza a musicalidade armorial. Ao longo de sua trajetória, sua obra traduz e reflete as diretrizes de um movimento que, como lembra Francisco Andrade, “tinha como perspectiva a interpretação da tradição das culturas brasileiras na invenção de uma ideia de Brasil ligada às manifestações da cultura popular, sobretudo de procedência nordestina, como a literatura de cordel, a xilogravura, a música de cantoria, viola e rabeca ou pífano, os cantos de incelença, os folguedos, os mamulengos, os caboclinhos, os estandartes e as expressões artísticas do frevo e do maracatu, entre outras”.²

Organizada em três volumes, a série *Antonio Madureira Armorial* aborda as peças compostas por Madureira para os grupos Quinteto Armorial e Quarteto Romançal, ambos conduzidos por ele, entre 1974 e 2000. Abrange e retoma, assim, uma das obras mais consistentes e marcantes da história da música brasileira, entre tantos outros trabalhos que compõem a vasta biografia de Madureira.

Este segundo volume reúne as obras compostas e registradas pelo Quinteto Armorial nos discos *Aralume* (1976), *Quinteto Armorial: Vol. III* (1978) e *Sete Flechas* (1980), com a contribuição dos músicos que as transcreveram, Francisco Andrade e Yonan Daniel. As partituras publicadas aqui, afinal, têm a vantagem da música escrita sob a supervisão do próprio Zoca, escolhidas, revistas e definidas por ele como as deseja perenes.

Com texto principal do pesquisador Francisco Andrade, a contribuição de Carlos Newton Júnior e depoimentos de outros artistas, a publicação aborda em profundidade o contexto histórico e cultural de criação e registro musical das obras, contribuindo para uma compreensão mais ampla do trabalho de Antonio Madureira como pesquisador e compositor, e para a interpretação informada de um repertório que merece ser conhecido e difundido por todos aqueles que se interessam pela cultura brasileira.

Viva Antonio Madureira!

O Quinteto Armorial em Brasília, 1975. Da esq. para a dir.: Fernando Torres, Egildo Vieira, Antonio Madureira, Edilson Cabral e Antonio Nóbrega.

¹ No primeiro volume desta série.

² Idem.



8 Ariano, Madureira e eu
CARLOS NEWTON JÚNIOR

16 Pulsar Aralume
FRANCISCO ANDRADE

53 PARTITURAS

Aralume, Quinteto Armorial: Vol. III e Sete Flechas

- 53 Aralume
- 65 Baque de Luanda
- 77 Cantiga
- 84 Guerreiro
- 95 Improviso – solo de viola nordestina
- 99 Improviso – versão para quinteto
- 113 Lancinante – versão para o Quarteto Romançal
- 123 O homem da vaca e o poder da fortuna
Abertura
- 128 A preguiça
- 132 A troca dos bichos
- 140 Ironia ao rico
- 145 Ponteados
- 162 Romance da Nau Catarineta
- 172 Sete Flechas
- 179 Xincuan

186 Colaboradores

Αγάπο, Madureira e eu

CARLOS NEWTON JÚNIOR

Foi através de Ariano Suassuna que conheci a música e a pessoa de Antonio José Madureira. Primeiro veio a música, e sobre ela não posso proferir nenhum comentário especializado, mas tão somente uma suspeita opinião de ouvinte e admirador incondicional. Diferentemente de Suassuna, não tenho nenhum conhecimento de teoria musical e foi exatamente por isso, aliás, que tive uma dificuldade enorme para vencer as páginas do *Doutor Fausto*, de Thomas Mann, lendo, sem compreender, as muitas passagens nas quais o biógrafo de Adrian Leverkühn procura explicar os caminhos de criação trilhados pelo célebre músico na sua carreira de sucesso. Suassuna, apesar de não ter sido músico e não ter praticado, a rigor, nenhum instrumento (tocava, sem compromisso, um pouco de violão), falava sobre música com a mesma segurança e desenvoltura com que discorria sobre literatura, teatro ou artes plásticas. Bastaria lembrar, para comprovar esta afirmação, o longo e erudito ensaio que escreveu, ainda em 1950, sobre a música de Capiba, publicado no livro *É de Tororó: Maracatu* (1951).

Entre 1984 e 1989, fui aluno de Suassuna, em várias disciplinas, na Universidade Federal de Pernambuco. Lá, um dia, numa aula de cultura brasileira, o mestre adentrou a sala de aula com uma pequena vitrola debaixo do braço, na qual fez tocar, para a turma, o primeiro disco do Quinteto Armorial, *Do romance ao galope nordestino*, comentando as músicas, uma a uma. Falou-nos do trabalho do Quinteto e do seu principal componente, o músico e compositor Antonio José Madureira. Dizia tratar-se de “um novo Villa-Lobos”, afirmação que o escutei repetir diversas vezes ao longo de nossa convivência de três décadas, e que ele também deixou registrada em texto.

O fato é que aquela música, de sonoridade para mim inteiramente nova, cortante e áspera, começou a pulsar dentro da minha cabeça, do meu coração, do meu sangue e até mesmo dos meus ossos, com a força e a vibração do galope de um cavalo desgovernado. Ora eu sentia a velocidade esvoaçante de pássaros ligeiros, em “Revoada”, música de Madureira que abre o disco, ora a tranquilidade serena e de alcova transmitida pelo “Romance da bela infanta”, que vem logo em seguida.

Eu, que acabara de fazer, entusiasmado com as aulas de Ariano, minha primeira leitura de seu grandioso *Romance d’A Pedra do Reino*, ainda impactado por tudo aquilo que lera e que me revelara um Brasil profundo, até então desconhecido para mim (um jovem nascido e criado em cidades grandes), percebi, de imediato, a ligação da música do Quinteto Armorial com o universo mítico e poético de Suassuna.

Determinadas peças do disco mais pareciam o fundo musical de algumas cenas descritas por Quaderna, o narrador do romance. A própria “Revoada”, de Madureira, recordava-me episódios de uma das “caçadas aventureosas” de Quaderna e seu irmão Malaquias, enquanto a “Toada e desafio”, de Capiba, em seus dois movimentos, servia, como uma luva, de trilha sonora para a estranha cavalgada do Rapaz-do-Cavalo-Branco, que abre o romance, antes e durante a emboscada dos cangaceiros de Ludugero Cobra-Preta.

Disse-me Suassuna, em outra ocasião, que cantava para Madureira as excelências e os romances que conhecia desde menino, romances como o da bela infanta e o de Minervina, para que o músico os recriasse nas composições que assinava para o grupo.

Isso só fez corroborar aquela primeira impressão que tive, de pura encantação, ao ouvir pela primeira vez algumas composições de Madureira.

Cerca de dez anos depois, em 1998, eu viria a conhecê-lo pessoalmente. Ariano convidou-me para participar, com ele e Zoca, do recital de lançamento do disco *A poesia viva de Ariano Suassuna*, no qual declama sua “Vida-nova brasileira”, texto em prosa e verso, acompanhado por trilha sonora de Madureira. Dizendo o texto ao vivo, no recital, Ariano tinha receio de ser tomado por uma emoção que embargasse sua voz e prejudicasse a leitura, sobretudo nos momentos em que declamasse os sonetos mais diretamente ligados à morte de seu pai. Assim, dividiu comigo a declamação, de modo que aqueles sonetos mais “perigosos” foram lidos por mim, enquanto Zoca cuidava da passagem do som e nos orientava acerca do momento exato de começar a leitura de cada trecho.

Finalmente, minha relação com Madureira se intensificou a partir de 2007, quando fomos ambos convidados por Suassuna, então secretário estadual de Cultura, para compor o Circo da Onça Malhada, trupe encarregada de levar

suas aulas-espetáculo para todo o estado de Pernambuco. Zoca era o responsável pela programação musical, tocando e regendo o grupo de músicos, enquanto eu ajudava Suassuna dividindo com ele a apresentação dos números de música e dança. Tive, assim, a oportunidade de desfrutar da companhia de Ariano e de Zoca durante aquelas verdadeiras expedições armoriais, dos ensaios às apresentações, passando pelas estradas, pelos hotéis, pelas coxias dos palcos improvisados nas pequenas cidades do interior e assim por diante. E, na ocasião em que me vêm essas lembranças, penso que um dia terei de encontrar forças, engenho e arte para registrar tudo isso numa espécie de livro de memórias, não propriamente pelo que eu disse ou fiz, mas pelo que vi e ouvi desses dois grandes artistas e de outros com os quais tive o privilégio de conviver.